



Um Papa falando sobre um político e estadista

Frei Lourenço Papin, OP.

Há, alguns dias, escrevi um artigo apresentando sucintamente a vida de Alcides De Gasperi e questionando, nas entrelinhas, o contra-testemunho de atuação política no Brasil de nossos representantes no Congresso e no Executivo.

Dando continuação a esse artigo e também complementando-o, resumirei aqui um discurso do Papa emérito Bento XVI, pronunciado em 29 de junho de 2019, dirigindo-se a membros da Fundação De Gasperi, no qual aborda a figura desse político e estadista italiano.

De Gasperi, formado na escola do Evangelho, “foi capaz de traduzir em gestos concretos e coerentes, a fé que professava”.

Ele soube conciliar espiritualidade cristã e política ao longo de toda sua vida pública.

Quando a Itália se libertava do regime fascista e saía derrotada e destruída da segunda guerra mundial, De Gasperi aparece como o estadista que traça, com destemor, os caminhos da recuperação econômica e política de sua pátria desprestigiada na Europa.

Sua espiritualidade, alicerçada numa forte sensibilidade religiosa e sólida fé cristã, animou o seu pensamento e a sua atuação política como homem de governo.

Bento XVI lembra palavras de João Paulo II, em 1981, por ocasião do centenário do nascimento de De Gasperi: “Nele a fé foi centro inspirador, força coesiva, critério de valores e razão de suas decisões”.

As raízes do testemunho evangélico deste homem encontram-se na formação humana e espiritual que recebeu de uma família onde “o amor a Cristo constituía o pão de cada dia e a referência de todas as escolhas”.

Nos seus dias cheios de compromissos institucionais, a oração e a relação com Deus ocuparam um amplo espaço.

Quando lhe era possível, começava seu dia participando da Santa Missa. O ápice de sua espiritualidade nós encontramos nos momentos mais difíceis e movimentados de sua vida. Desde quando prisioneiro do fascismo, quis ter para sempre como seu primeiro livro a Bíblia, com o hábito de anotar, em folhetos, referências bíblicas que alimentassem constantemente seu espírito.

Sabe-se que, já no final de sua vida governante, como presidente do Conselho de Ministros, depois de um árduo confronto parlamentar, a um colega que lhe perguntava qual era o segredo de sua bem sucedida obra política, respondeu: “É o Senhor”!

O Papa emérito, diante desse “personagem que honrou a Igreja e a Itália”, fala de “sua reconhecida retidão moral, baseada numa inquestionável fidelidade aos valores humanos e cristãos, como também exalta sua tranquila consciência moral que o orientou nas decisões políticas”.



Sendo homem de fé, soube viver a autonomia responsável da política democrática que deve ter seu método próprio, seu programa de ação e seus instrumentos adequados aos tempos.

Obediente à Igreja, foi autônomo e responsável, sem se servir da Igreja para atingir seus objetivos político-sociais, sem nunca comprometer a retidão de sua consciência.

No fim de sua existência, com sincera humildade vai dizer: “Fiz tudo o que podia, a minha consciência está em paz”.

Faleceu no aconchego de sua família, no dia 19 de agosto de 1954, após ter murmurado, por três vezes, o nome de Jesus!

“Um estadista de fama internacional, que com sua obra política prestou serviço à Igreja, à Itália e à Europa”.

Bento XVI conclui seu discurso apresentando o testemunho político de Alcides Gasperi como exemplo a ser imitado e seguido pelos políticos, “especialmente para quantos se inspiram no Evangelho”.

Refletindo sobre esse discurso, fiquei pensando comigo mesmo: só faltou ao Papa declarar que De Gasperi é um político santo. O que certamente acontecerá em breve, conforme as exigentes e severas normas canônicas da Igreja.